


Análise sobre a variação linguística nas questões do ENEM: contribuições para práticas pedagógicas de Língua Portuguesa


Analysis of linguistic variation in ENEM questions: contributions to Portuguese Language Pedagogical Practices

Análisis de la variación lingüística en las preguntas del ENEM: contribuciones a las Prácticas Pedagógicas de la Lengua Portuguesa


Valdene Moura Lopes¹

 0000-0001-7144-6550


Elane Nardoto Rios²

 0000-0002-4706-8972

Geroncio Silva Barbosa³

 0000-0002-6815-9945

Sara Oliveira Rodrigues⁴

 0000-0002-3450-4077

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada pelo “Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Linguagem e Práxis Pedagógica”, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFBA/Campus Jequié). A proposta foi analisar, à luz da Sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2008), o funcionamento das questões de Língua Portuguesa nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), dos anos 2010 a 2016. Após esse levantamento, foi elaborado um quadro no qual é possível observar uma abordagem gradativa das temáticas, sendo elas: interpretação livre, argumentação, tipologia textual, literatura, leitura/interpretação de gênero textual, análise linguística/gramatical (uso da língua, norma-padrão, gramática, variação linguística), interpretação conceitual e função da linguagem. Das 285 questões analisadas, as de análise linguística estão entre as de maior ocorrência: 67 questões, restando apenas às questões de interpretação livre uma recorrência maior de abordagens: 114 questões. O foco da análise deste artigo foram as questões sobre análise linguística/gramatical, mais precisamente sobre variação linguística, por ser este ponto de relevante discussão no ensino de Língua

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). *E-mail:* lopesvaldene412@gmail.com.

² Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). *E-mail:* elanenardoto@yahoo.com.br.

³ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. *E-mail:* silvarbarbosageroncio@gmail.com.

⁴ Especialista em Língua Portuguesa. Prof.^a de Língua Portuguesa do Sistema Público Municipal de Ensino de Jequié. *E-mail:* saraifba@gmail.com.

Portuguesa. Pretende-se com a divulgação deste estudo fornecer subsídios para análises posteriores que sirvam para balizar a evolução do ensino da Língua Portuguesa, destacando a adequação entre esse ensino e os instrumentos de avaliação utilizados atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: ENEM; variação linguística; Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This article resulted from research carried out by the Research and Studies “Group in Education, Language, and Pedagogical Praxis”, of the Federal Institute of Science and Technology Education (IFBA/Campus Jequié). The proposal was to analyze, in a sociolinguistic approach (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2008), the functioning of Portuguese Language questions in the National High School Exam (ENEM) tests from 2010 to 2016. After this survey, a table was created in which it is possible to observe a gradual approach to the themes, namely: free interpretation, argumentation, textual typology, literature, reading/interpretation of the textual genre, linguistic/grammatical analysis (use of language, standard norm, grammar, linguistic variation), conceptual interpretation and language function. Of the 285 questions analyzed, those of linguistic analysis are among the most frequent: 67 questions, leaving only the questions of free interpretation with a greater recurrence of approaches: 114 questions. The focus of the analysis of this article was the questions about linguistic/grammatical analysis, more precisely about linguistic variation, as this is a relevant point of discussion in the teaching of the Portuguese Language. It is intended with the dissemination of this study to provide subsidies for further analysis that serve to guide the evolution of Portuguese language teaching, highlighting the adequacy between this teaching and the assessment instruments currently used.

KEYWORDS: ENEM; linguistic variation; Portuguese language.

RESUMEN: Este artículo resultó de una investigación realizada por el Grupo de Investigación y Estudios en Educación, Lenguaje y Praxis Pedagógica, del Instituto Federal de Educación en Ciencia y Tecnología (IFBA/Campus Jequié). La propuesta fue analizar, a la luz de la Sociolingüística (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2008), el funcionamiento de las preguntas de Lengua Portuguesa en las pruebas del Examen Nacional de Enseñanza Media (ENEM), de 2010 a 2016. Después de esta reconpilación, se elaboró un cuadro en el que es posible observar un abordaje gradual de los temas, a saber: interpretación libre, argumentación, tipología textual, literatura, lectura/interpretación del género textual, análisis lingüístico/gramatical (uso de la lengua, norma estándar, gramática, variación lingüística), interpretación conceptual y función del lenguaje. De las 285 preguntas analizadas, las de análisis lingüístico se encuentran entre las más frecuentes: 67 preguntas, quedando únicamente las preguntas de libre interpretación con una mayor recurrencia de planteamientos: 114 preguntas. El enfoque de análisis de este artículo fueron las preguntas sobre el análisis lingüístico/gramatical, más precisamente sobre la variación lingüística, ya que este es un punto relevante de discusión en la enseñanza de la lengua portuguesa. Se pretende con la difusión de este estudio proporcionar subsidios para análisis posteriores que sirvan para orientar la evolución de la enseñanza de la lengua portuguesa, destacando la adecuación entre esta enseñanza y los instrumentos de evaluación actualmente utilizados.

PALABRAS CLAVE: ENEM; variación lingüística; Lengua Portuguesa.

Introdução

Este artigo objetiva apresentar dados atinentes do projeto de pesquisa “Análise Linguística e Gramática em questões do ENEM: reflexão e ação com

professores de Língua Portuguesa”, como parte das atividades do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Linguagem e Práxis Pedagógica, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFBA/Campus Jequié), cujos objetivos iniciais foram: i) identificar na Matriz e nas provas, questões referentes às unidades gramaticais da língua; ii) mapear as questões das provas por campo de conhecimento linguístico-gramatical: variação linguística, semântica, morfologia, sintaxe, entre outros campos; iii) analisar se na articulação dos conteúdos gramaticais com os gêneros textuais há uma correlação com concepção de gramática mais funcionalista que normativa, qual seja “[...] um sistema de princípios que organiza os enunciados, pelo qual, naturalmente, os falantes nativos de uma dada língua se comunicam nas diversas situações de uso” (NEVES, 2004, p. 80).

Busca-se, com essa análise, fornecer dados ao professor para verificar a conformidade entre as temáticas abordadas nas referidas avaliações com o que é praticado na sala de aula. Não se pretende que se tenha o ensino como fim apenas, mas também, que seja considerada na aprendizagem a realização de uma avaliação ao final do Ensino Médio, pois, esse momento consiste em uma importante porta de acesso, tanto à continuidade dos estudos quanto à carreira profissional do estudante; sendo assim, não considerar essa avaliação em sua prática de ensino poderá causar um atraso tanto na vida estudantil quanto na carreira profissional do indivíduo.

Ensino de Língua Portuguesa: da teoria à prática

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), o objetivo do ensino dessa disciplina deve ser o ensino do conhecimento linguístico e discursivo, do qual o sujeito irá se utilizar ao participar de práticas sociais mediadas pela linguagem. A BNCC coaduna com esse objetivo, quando afirma que:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimentos das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas. (BRASIL, 2017, p. 67).

Assim, tem-se que o estudo da língua deve estar a serviço da atuação do

indivíduo na sociedade, enquanto ser capaz de utilizar de seus conhecimentos linguísticos, adequando-os à situação social na qual estiver envolvido. A escola deve pensar numa interação para além da sala de aula na difusão do conhecimento, sobretudo em Língua Portuguesa. Uma disciplina que se encerre em si mesma em uma repetição de regras não aparenta ter sentido para o aluno, dessa maneira, não raro, ouve-se a famosa frase pronunciada por estudantes (e falantes nativos!) de Língua Portuguesa: *“Português é difícil!”*

Como afirma Labov (2008, p. 21) *“as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas com uma força social imanente agindo no presente vivo”*, portanto, cabe aos professores, sobretudo os de Língua Portuguesa, demonstrar o uso da língua como constituinte de uma sociedade letrada, e seus usos para as mais diversas finalidades, incluindo em seu ensino, não só, mas também, o estudo das regras.

Para aproximar-se do ensino sob esse viés, é preciso que o professor de Língua Portuguesa esteja sempre disposto a refletir, pesquisar, considerando os pontos das novas abordagens de ensino em relação às abordagens passadas. Bortoni-Ricardo (2008, p.46) afirma que:

O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias.

A sistematização do conhecimento sobre os temas desenvolvidos nas provas do ENEM (2010 a 2016), realizado neste trabalho, tem como pano de fundo colaborar com a prática do professor, a fim de que sejam não somente inovadoras, mas, antes de tudo, reflexivas e que considerem a língua em uso e não apenas um amontoado de regras a serem reproduzidas, bem como consideram que, para ter acesso à progressão de carreira, tanto na vida estudantil, quanto na vida profissional, o aluno precisará ser bem-sucedido nessa avaliação.

A investigação e os procedimentos metodológicos

Em um primeiro momento, ao analisar as questões da prova de Língua

Portuguesa do ENEM, tendo em conta todas as aplicadas entre os anos 2010 a 2016, foi possível organizá-las de acordo com o assunto abordado, considerando o ponto de vista linguístico e o ano de ocorrência. Nas questões mapeadas, foram encontradas as seguintes temáticas: Interpretação livre; Argumentação; Tipologia textual; Leitura interpretativa do gênero textual; Análise linguística com conhecimentos gramaticais (usos da língua, conceito de norma padrão, conceito de gramática e variação linguística); Interpretação conceitual; Funções da linguagem.

Conforme quadro 01, pode-se observar que as referidas temáticas se materializaram com recorrências diferenciadas em relação ao ano em que foi realizada a referida avaliação. As maiores reincidências foram em questões que abordaram a Interpretação livre e a Análise linguística/gramatical.

Quadro 01 – Quantitativo de questões nas quais as referidas temáticas foram encontradas.

Temática	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Interpretação Livre	14	18	13	22	15	15	17	114
Argumentação	2	5	3	2	1	-	3	16
Tipologia textual	2	-	-	-	-	-	-	2
Literatura	6	5	6	5	7	8	5	42
Leitura e Interpretação de Gênero textual	5	1	2	2	4	5	4	22
Análise Linguística/Gramatical (Uso da língua, Norma-padrão, Gramática, Variação linguística)	10	7	14	7	9	11	9	67
Interpretação Conceitual	2	3	2	2	3	1	2	15
Função da Linguagem	-	2	1	1	1	1	1	7

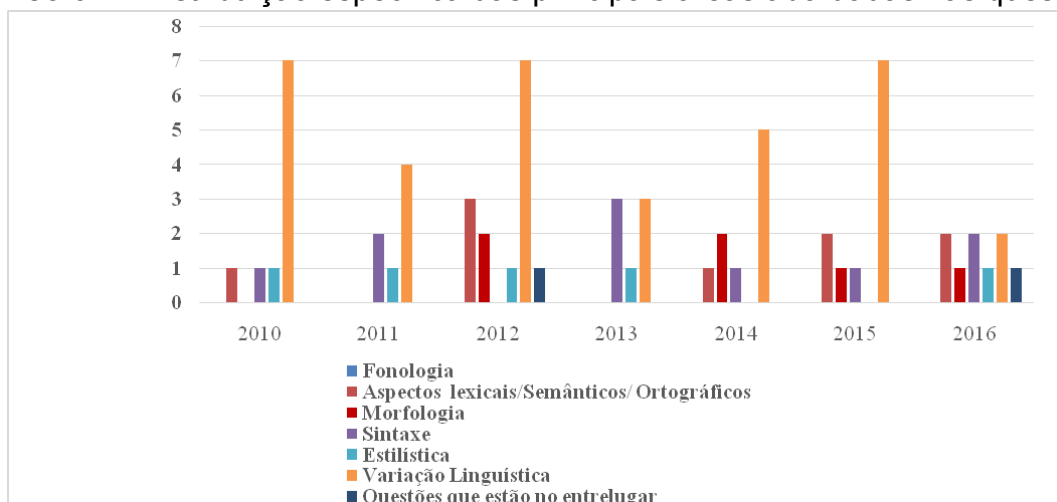
Fonte: Elaboração do próprio autor.

Como constatado no quadro 01, a Análise linguística/Gramatical (Uso da língua, Norma-padrão, Gramática, Variação linguística) foi um dos temas mais abordados em relação às outras áreas, com exceção da Interpretação livre. No ano de 2010, por exemplo, a prova apresentou 10 questões de Análise linguística e 14 de Interpretação livre, para 02 questões sobre Argumentação, 02 de Tipologia textual, 06 de Literatura, 05 de Leitura interpretativa de Gênero textual e 02 de

Interpretação conceitual. Nesse mesmo ano, não houve ocorrência de nenhuma questão sobre Funções da linguagem. Essa tendência se repete nos anos seguintes. A distribuição geral das temáticas das questões segue uma tendência que não se altera significativamente ao longo dos anos pesquisados.

Em um segundo momento, após a classificação a partir da temática geral abordada, foram analisadas as áreas específicas recorrentes nas questões para melhor entendimento da concepção de gramática adotada pela banca. Entre as áreas específicas, foram encontradas questões que versavam sobre fonologia, aspectos lexicais/semânticos/ortográficos, morfologia, sintaxe, estilística, variação linguística e questões com temáticas não rigorosamente limitadas, as quais foram nomeadas de “questões que estão no entrelugar”, que podem ser observadas no Gráfico 01:

Gráfico 01 – Distribuição específica das principais áreas abordadas nas questões.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Foi possível verificar que, quase que invariavelmente, a prova do ENEM traz suas questões elaboradas em torno de um eixo comum, destacando a variação linguística em suas diversas abordagens: cultural/história, formal/informal, oral/escrita, social/regional, o que é um dado importante, pois, o fato de tais questões não desconsiderarem a variação pode ser indício de que, na abordagem feita pelo ENEM à língua portuguesa, a variação é considerada parte integrante do conceito de língua. Como afirma Cagliari (2003, p. 19), “Um dialeto não é

simplesmente um uso errado do modo de falar do outro dialeto. São modos diferentes”.

Levando em conta que a discussão sobre variação linguística deve transpor os limites da disciplina Língua Portuguesa, cabe refletir sobre um questionamento elaborado por Bortoni-Ricardo (2008):

Será que os alunos de ensino médio em uma escola onde os professores de todas as disciplinas atuam como agentes letradores vão se sair melhor no ENEM do que os alunos de uma escola onde o trabalho com a leitura compreensiva é de responsabilidade exclusiva do professor de língua portuguesa? (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 36)

Destacando o termo “*agentes letradores*” como professores que são capazes de auxiliar os estudantes na compreensão de textos de suas disciplinas, a pergunta da autora lança luz à própria resposta.

A título de exemplificação, foram destacadas algumas das questões das provas de Língua Portuguesa do ENEM aplicadas nos anos de 2010 a 2016, foco deste estudo, que auxiliaram na condução e embasamento para às discussões/reflexões aqui apresentadas.

Análise das questões

No ano de 2010 e nos demais, de acordo com o Gráfico 1 apresentado, há uma relevante incidência de questões que cobram a variação linguística. Essas questões retratam a norma padrão e suas variações. Como exemplo, tem-se a tirinha abaixo, na questão apresentada a seguir. Vale ressaltar que as questões aqui apresentadas obedecem ao ano de ocorrência nas provas, mas, para fins didáticos, serão dispostas em sequência numérica neste artigo.

Questão 1 (2010):



Disponível em: <http://revistascola.abril.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2010.

Pode ser observado nessa tirinha, que serviu de base para alguns questionamentos na prova, duas situações comunicativas: uma em que o personagem utiliza a variação formal, nos três primeiros quadrinhos, e outra em que a personagem faz uso da variação informal, utilizada na resposta final: “Ah, qual é, é só neve”, fugindo do registro padrão que fora utilizado até então.

Como visto nas imagens, trata-se de uma criança tentando explicar, inicialmente com linguagem técnica, a arte que acabou de produzir na neve. Logo em seguida, a referida personagem abandona esse registro formal e passa a se expressar em uma linguagem que parece lhe ser mais confortável, corroborando o que afirma Bortoni-Ricardo (2005), quando menciona que as tarefas comunicativas nas quais a realização dos instrumentos linguísticos já estão amplamente automatizada exigem menos esforço do que as que se implementam por meio de instrumentos linguísticos que não são do completo domínio do falante.

Em 2011, a questão 2 trouxe a variação linguística em uma perspectiva histórica da língua, demonstrando também como o português falado no Brasil se constituiu através da herança de povos negros e indígenas, o que está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando afirma que uma das competências a serem desenvolvidos no ensino da Língua Portuguesa é a compreensão da língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso e reconhecê-la como meio de construção de identidades dos falantes e da comunidade a qual pertencem (BRASIL, 2017). É uma questão cujo tema é capaz de suscitar bastante reflexão para discussão, no entanto, as questões do ENEM geralmente são utilizadas em sala de

aula apenas para correção, após a aplicação das provas, quando os docentes versam apenas sobre os “erros e acertos” dos alunos, que seguem adiante muitas das vezes, cheio de dúvidas, na preparação para as futuras avaliações da sua vida estudantil.

Na questão 2, a opção ‘E’ foi considerada a resposta correta da questão.

Questão 2 (2011):

Quando os Portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África, grande número de escravos. O Português, o Índio e o Negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira. Mas no que se refere à cultura, a contribuição do Português foi de longe a mais notada. Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições. Em 1694, dizia o Padre Antonio Vieira que “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola”.

TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa. Lisboa. Livraria Sá Costa, 1984 (adaptado).

A identidade de uma nação está diretamente ligada à cultura de seu povo. O texto mostra que, no período colonial brasileiro, o Português, o Índio e o Negro formaram a base da população e que o patrimônio linguístico brasileiro é resultado da

- A) Contribuição dos índios na escolarização dos brasileiros.
- B) Diferença entre as línguas dos colonizadores e as indígenas
- C) Importância do padre Antonio Vieira para a literatura de língua portuguesa.
- D) Origem das diferenças entre a língua portuguesa e as línguas tupi.
- E) Interação pacífica no uso da língua portuguesa e da língua tupi.

As demais questões de Língua Portuguesa do ano de 2011 foram elaboradas considerando também a variação histórica, evidenciando os fatores extralinguísticos e como eles interferem, condicionam, e podem explicar o surgimento da variação linguística e os usos da língua. Nota-se que houve um certo direcionamento no enfoque dado às questões nesse ano, o que se repete nos anos seguintes, conforme poderá ser observado a seguir.

A prova aplicada no ano de 2012 retrata a oralidade nas questões que envolvem variação linguística. Como exemplo, tem-se a seguinte questão:

Questão 3 (2012):

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a:... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos

meus treze aos dezessete anos... A.P.S.,
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala
Goiana, UFG, 2010 (inédito).

Nessa questão, é apresentada a representação da língua falada, através da escrita. É possível perceber que não há prejuízo na compreensão da mensagem. Apesar de o texto não estar atendendo fielmente às regras gramaticais consideradas pela norma-padrão, não se pode dizer que não há nele uma gramática representada, que direcionou a expressão oral do falante.

Bakthin (1981b) afirma que a língua, para a consciência dos indivíduos que a falam, de maneira alguma se apresenta como um sistema de formas normativas, sendo antes uma forma livre de expressão. Essa questão expõe o estudante a duas reflexões linguísticas importantes: a primeira é que seus antecedentes culturais e linguísticos devem ser respeitados, a fim de criar um sentimento que lhe permita expressar-se com segurança; e a segunda, que evidencia que o texto oral tem peculiaridades gramaticais próprias da sua materialidade.

Com isso, não se quer dizer que basta apenas que haja compreensão do que está escrito, como afirma Cagliari (2003, p. 28),

[...] o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de suas vidas.

A prova do ano de 2013 destaca as marcas da língua formal e informal, como se observa na questão que traz um trecho da letra da música do cantor “Gabriel O Pensador”, conhecido por suas letras, que refletem os problemas sociais vividos pela sociedade brasileira. A questão emprega uma linguagem simples, acessível, utilizando palavras de uso cotidiano da maioria dos falantes nativos, o que demonstra o uso da língua com finalidade adequada e manifesta a sua funcionalidade para as diversas formas de interação.

Questão 4 (2013):

Até quando?

Não adianta olhar pro céu

Com muita fé e pouca luta

Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer

E muita greve, você pode, você deve, pode crer

Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!
GABRIEL, O PENSADOR. Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo). Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).
As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto
A) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
B) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.
C) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
D) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
E) originalidade, pela concisão da linguagem.

Ainda de acordo com Cagliari (2003, p. 30):

No ensino do português é fundamental, essencial e imprescindível distinguir três tipos de atividades ligadas respectivamente aos fenômenos da fala, da escrita e da leitura. São três realidades diferentes da vida de uma língua, que estão intimamente ligadas em sua essência, mas que têm uma realização própria e independente nos usos de uma língua.

Na Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM, disponibilizada pelo Ministério da Educação (MEC), encontra-se a enumeração das competências, divididas por áreas e habilidades, relacionadas ao Exame. Na competência de área 8, habilidade vinte e seis (H26), espera-se que o estudante seja capaz de relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social. Pode-se observar a aplicabilidade dessa competência na prova do ENEM do ano de 2014, que tem em sua maioria questões que abordam a variação cultural da língua e também a oralidade e a variação histórica.

Na questão 5, é possível observar a manifestação cultural através da língua em determinado momento histórico, além de ser um texto escrito de maneira que remete à oralidade, a letra de música apresentada destaca o uso da língua para fim específico, qual seja a representação e a celebração da cultura do povo nordestino:

Questão 5 (2014):

Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo para xaxar
Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar

Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que eu tou aqui com alegria
BARROS, A. Óia eu aqui de novo. Disponível em:
www.luizluagonzaga.mus.br. Acesso em: 5 maio 2013 (fragmento).
A letra da canção de Antônio de Barros manifesta aspectos do repertório
linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma
característica do falar popular regional é:
A) “Isso é um desaforo”.
B) “Diz que eu tou aqui com alegria”.
C) “Vou mostrar pr’esses cabras”.
D) “Vai, chama Maria, chama Luzia”.
E) “Vem cá morena linda, vestida de chita”.

Questões desse tipo são bastante relevantes, pois podem ser capazes de gerar uma reação identitária no aluno ao ver-se representado em um instrumento avaliativo de tamanha importância e de alcance nacional. Fomentar esse autorreconhecimento, enquanto cidadão integrante de um corpo social e com representatividade nessa sociedade, é papel da escola, como o é também “facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos significativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131). Alcançar esse equilíbrio entre valorização do vernáculo do estudante e inserção de novas competências linguísticas é, pois, um desafio que se impõe ao professor de Língua Portuguesa.

Em 2015, a prova do ENEM, além da variedade formal/informal, destaca a questão das identidades dos grupos através do uso da língua, tema tão discutido atualmente pela sociedade, como se pode observar na questão que se segue. A referida questão traz um texto em iorubá, letra de uma música de Pixinguinha, um dos maiores compositores da música brasileira. Essa questão está de acordo com a H25 da Matriz de Referência do ENEM, área 6, que destaca entre outras habilidades a de identificar variedades sociais, regionais e de registro: “Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro” (BRASIL, 2015, p. 4).

Questão 6 (2015):
Yaô

Aqui có no terreiro
Pelú adié
Faz inveja pra gente
Que não tem mulher
No jacutá de preto velho
Há uma festa de yaô
Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de Iemanjá
Mucama de Oxossi é caçador
Ora viva Nanã Nanã
Buruku Yô yôo Yô yôoo
No terreiro de preto velho laiá

Vamos saravá (a quem meu pai?) Xangô!

VIANA, G. Agô, Pixinguinha! 100 Anos. Som Livre, 1997.

A canção Yaô foi composta na década de 1930 por Pixinguinha, em parceria com Gastão Viana, que escreveu a letra. O texto mistura o português com o iorubá, língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil. Ao fazer uso do iorubá nessa composição, o autor

- A) promove uma crítica bem-humorada às religiões afro-brasileiras, destacando diversos orixás.
- B) ressalta uma mostra da marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira.
- C) evidencia a superioridade da cultura africana e seu caráter de resistência à dominação do branco.
- D) deixa à mostra a separação racial e cultural que caracteriza a constituição do povo brasileiro.
- E) expressa os rituais africanos com maior autenticidade, respeitando as referências originais.

A partir da análise realizada, foi possível inferir que, nas provas do ENEM (2010 a 2016), a Língua Portuguesa é considerada, nesses anos, em uma perspectiva muito mais voltada ao uso real dos falantes, distanciando-se de uma abordagem apenas baseada em um uso idealizado pelas regras da gramática normativa. Dessa forma, cumpre-se destacar que a prática do professor em sala de aula não deve ignorar as diferenças sociolinguísticas dos estudantes, sendo irrelevante nesse caso a disciplina que esse leccione, haja vista que o papel do professor é contribuir para que o aprendiz compreenda a língua e não “*dar um receituário*” (RIOS, 2018, p. 172), e isso, não deve se limitar apenas ao professor de Língua Portuguesa.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) afirma que:

Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

É necessário levar o aluno a compreender-se como agente constituído e

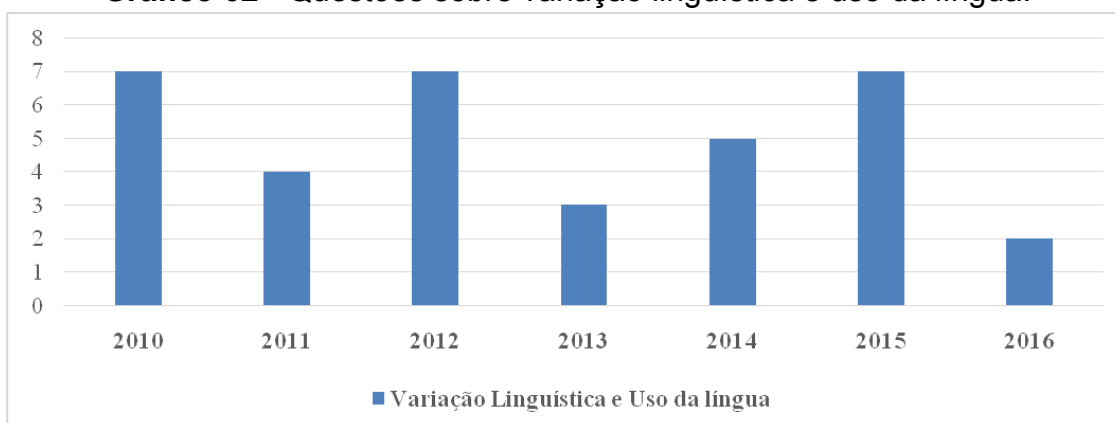
constituidor de uma sociedade predominantemente letrada e que, nessa condição, estará envolvido em relações sociais das mais diversas, nas quais precisará lançar mão de expressões tanto orais quanto escritas. Nesse sentido, a compreensão de que precisa adequar sua fala/escrita à situação comunicativa é imprescindível.

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), o prestígio associado ao português-padrão não pode ser negado, mas deve ser questionado, desmistificado. Portanto, não se trata apenas de ensinar uma língua, mas todas as possibilidades de expressão através dela. Segundo Cagliari, (2003, p. 47-48)

[...] a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos. O que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português.

No ano de 2016, nota-se uma alteração nas questões em relação aos anos anteriores, conforme pode ser observado no Gráfico 02. Os anos de 2010, 2012 e 2015 são os que apresentam maior ocorrência de questões de Língua Portuguesa com a temática variação e uso da língua, seguida pelos anos de 2014, 2011 e 2013 (nessa ordem), enquanto em 2016 houve uma diminuição significativa na abordagem do tema.

Gráfico 02 - Questões sobre variação linguística e uso da língua.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Na prova do ano de 2016, há uma abordagem de conteúdos da Língua Portuguesa de maneira mais geral. No entanto, ainda quando a resposta se refere a um assunto diverso da variação linguística, o texto que a compõe remonta ao uso da

língua. Isso atende ao que preconiza Kupske, quando afirma que “[...] *não podemos mais pensar uma escola que trabalhe a linguagem sem considerar a sua dimensão social*” (KUPSKE, 2010 apud HAUPT, 2012, p. 239, grifo nosso). Na questão que se segue, foi cobrado o conhecimento sobre pontuação em um texto escrito, que preservava os traços de oralidade, demonstrando que, mesmo em sua modalidade oral, a língua apresenta regularidades próprias dessa variante:

Questão 7 (2016):

L.J.C.

- 5 tiros?

- É.

- Brincando de pegador?

- É. O PM pensou que...

- Hoje?

- Cedinho.

COELHO. M. IN: FREIRE, M. (org). Os cem menores contos brasileiros do século. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

A) Uma fala hesitante.

B) Uma informação implícita.

C) Uma situação incoerente.

D) A eliminação de uma ideia.

E) A interrupção de uma ação.

Considerações finais

No início do século XX, o linguista Ferdinand de Saussure propôs a dicotomia língua x fala (SAUSSURE, 2012). Há, em algumas escolas, uma tendência a “*dicotomizar*” o ensino da Língua Portuguesa entre o que é falado e o que é escrito, dando a percepção equivocada aos estudantes que há uma dicotomização irrevogável entre esses dois institutos quando o que deve haver de fato é uma percepção de uma língua funcional, flexível e perfeitamente regida por regramentos adequados à situação comunicativa.

De acordo com Camacho (2012), há uma forte vinculação linguística entre a variação social e a estilística. Para esse autor, “*o indivíduo deve interiorizar em sua competência linguística as formas alternativas padrão e não padrão sobre as quais incide a seleção que ele opera conforme variam as circunstâncias de interação*” (CAMACHO, 2012, p. 67, grifo nosso). Dell Hymes (1966 apud

BORTONI-RICARDO, 2004) afirma que, em se tratando de competência linguística, não há que se referir apenas às regras que presidem a formação da sentença, mas também às normas sociais e culturais que definem a adequação da fala e tratam a língua como organismo vivo e mutável.

Ante ao que foi posto até aqui, conclui-se que, nas provas aplicadas pelo ENEM nos anos de 2010 a 2016, buscou-se verificar as competências no campo da interação linguística, exigindo do estudante variadas “leituras” de mundo e considerável conhecimento do funcionamento da língua. Considera-se que essa condição só poderá ser alcançada ao se desprender o ensino e aprendizagem da língua portuguesa da prática de regras gramaticais isoladas por área e em uma disciplina. Ressalta-se que a formação ideal em língua portuguesa só será ideal quando o aluno for capaz de compreender e praticar de maneira segura o seu idioma em cada situação em que estiver envolvido.

Assim, o trabalho em sala de aula deve, antes de tudo, levar o estudante à reflexividade sobre a sua língua, que, conforme demonstrado, também foi a habilidade mais explorada nas provas do ENEM que foram analisadas nos anos de 2010 a 2016. Então, quer seja para participar de instrumentos avaliativos, quer seja para o uso social, é flagrante que a compreensão da língua abre portas aos indivíduos. A responsabilidade pelo desenvolvimento dessa competência no aluno, enquanto leitor/escritor/falante é da escola, enquanto instituição promotora de saberes, pois, consoante Cagliari (2002, p. 14, grifo nosso), “[...] a escola existe para que o professor ensine”.

Referências

- BAKTHIN, M. M. Discourse in the Novel. In: BAKTHIN, M. M. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981a. p. 259-422
- BAKTHIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981b.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador*. introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2015) Matriz de Referência para o ENEM 2015. Brasília: INEP/MEC.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: MEC, 1998.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Ortografia. *Educar*, Curitiba, n. 20, p. 43-58, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.

HAUPT, C. Formação docente e a fonética e a fonologia: o ensino da ortografia. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15, p. 237-256, 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIOS, E. N. *Do gaveteiro à análise linguística: práticas colaborativas no ensino de língua portuguesa*. Ibicaraí: Via Litterarum, 2018.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

Recebido em: 18 maio 2022.

Aprovado em: 17 fev. 2023.

Revisor de língua portuguesa: Marcelo Acri

Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi

Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho